



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TAYARA COSTA DA SILVA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO SÃO PEDRO DO
MUNICÍPIO DE ALTAMIRA-PA**

Altamira, Pará
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TAYARA COSTA DA SILVA

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO SÃO PEDRO DO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, do *Campus* Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa

Altamira, Pará
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C837h Costa da Silva, Tayara.
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO
SÃO PEDRO DO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA-PA / Tayara
Costa da Silva. — 2023.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. História da Educação. 2. memória da educação . 3.
Educação do Campo. 4. zona rural. I. Título.

CDD 370

TAYARA COSTA DA SILVA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO SÃO PEDRO DO
MUNICÍPIO DE ALTAMIRA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como
requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada
em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará.

Aprovado em: 20/11/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa
UFPA
(Orientador)

Prof. Esp. Marcelo Leandro Neres
UFPA
(Membro interno da Banca Examinadora)

Profa. Esp. Arlene de Almeida Leal
SEMED/ATM
(Membro externo da Banca Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me manter firme até aqui e me fazer ultrapassar todos os obstáculos impostos no caminho. Durante esses anos de curso inúmeros desafios se fizeram presentes, mas com a graça de Deus venci todos eles com maestria.

Agradeço imensamente à minha família, pessoas mais que especiais em minha vida, nunca me deixaram desistir. Durante o curso veio o casamento, a maternidade, o que dobrou minha responsabilidade como mulher, mas minha força de vontade me permitiu chegar até aqui. Escrevo este trabalho em lágrimas, minha história carrega lutas, erros, acertos, grandes desafios e grandes vitórias e a finalização dessa etapa de minha vida é uma delas.

Agradeço aos professores por todo conhecimento passado. Que Deus possa abençoar, dobrar seus níveis de sabedoria e que esse conhecimento ultrapasse fronteiras para que a educação seja um marco nas vidas das próximas gerações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Objetivos gerais e específicos	10
1 METODOLOGIA	10
2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO E DOCUMENTAL SOBRE A EDUCAÇÃO ALTAMIRENSE E A CRIAÇÃO DA ESCOLA SÃO PEDRO	12
3 A EDIFICAÇÃO DA ESCOLA SÃO PEDRO E OS DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO	15
4 HISTÓRIA E MEMÓRIA EDUCACIONAL	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

Resumo:

O presente trabalho foi desenvolvido a fim de contribuir e construir uma abordagem que valorize a utilização do espaço e da Educação no Campo. Desse modo, objetiva registrar a história da Escola de Ensino Fundamental São Pedro, do Município de Altamira, retornando o envolvimento da comunidade na construção da instituição de ensino. O estudo deste tema se justifica por abordar uma questão não apenas educacional, mas política que envolve fatores relevantes quanto aos desafios e adaptações educacionais em uma comunidade específica, no meio rural que abrange toda a comunidade escolar, memórias afetivas e relatos sobre os descasos com a Educação no Campo. O estudo teve como finalidade maior, mostrar esses desafios, bem como relatar essas memórias e culturas vivenciadas por mim no decorrer da minha infância, além de procurar compreender e refletir quanto aos fenômenos ocorridos nesses espaços, que por vezes são pouco valorizados, tornando a didática pedagógica escassa e com pouco aproveitamento. Levando em consideração os relatos e documentos que foram coletados durante a pesquisa, se obteve algumas informações a respeito da importância do envolvimento de toda comunidade escolar da região, já que nestes locais a educação baseia-se na realidade em que está inserido aquele público. Através de uma metodologia descritiva, com levantamentos que possam demonstrar as características encontradas nesses espaços, no decorrer do estudo foi realizada uma abordagem qualitativa para melhor compreensão dos aspectos educacionais do meio rural. Diante do exposto, é importante refletirmos e compreendermos sobre os desafios da Educação no Campo, pois sabemos que ocorreram avanços significativos. No entanto, é de enorme transcendência valorizar esses espaços para se ter, além de uma educação de classe, memórias capazes de transcender o espaço do campo.

Palavras-chave: História da Educação; memória da educação; Educação do Campo; zona rural.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, realizada no âmbito da Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal do Pará (UFPA), *Campus* Universitário de Altamira, propõe-se a uma reflexão acerca da história da instituição escolar do campo. Nesse sentido, este estudo situa-se no campo temático da historiografia da educação, o qual se tem ampliado recentemente, dado o interesse em preservar a memória sobre a escola.

Este estudo também é resultado de uma pesquisa realizada com a finalidade de relacionar as práticas vivenciadas tal como as memórias acumuladas, contexto histórico e perspectivas dentro de uma escola de zona rural e suas metodologias pedagógicas. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola de Ensino Fundamental, em uma comunidade rural pertencente ao município de Altamira - PA, com intuito de coletar dados com pais de alunos, professores, diretor e coordenador no que se refere à educação ministrada em sala de aula, já que, a realidade de uma comunidade rural é bem diferente de uma comunidade urbana.

A ideia de realizar um trabalho com essa abordagem veio através da curiosidade de conhecer mais sobre a realidade docente da escola da comunidade rural São Pedro, na qual estudei durante o Ensino Fundamental e que fez parte da minha história de vida. Por isso, levantar e discutir todo contexto histórico, o método pedagógico utilizado pelos professores que têm conexão com o desenvolvimento de uma prática docente baseada na vivência da comunidade em que está inserida a escola, ou seja, baseada em uma prática voltada ao campo e suas necessidades.

Nesses parâmetros, por haverem aproximações entre a minha história enquanto filha de trabalhadores rurais e a atuação como estudante dessa escola, torna-se relevante compreender a importância de se pensar a Educação do Campo como um conceito que tem um projeto de educação para os trabalhadores do campo. Isso, sobretudo, com uma pedagogia que auxilia na formação de professores em uma ação diretamente relacionada à construção de projetos educativos voltados para transformação social, na perspectiva da emancipação humana, sendo um processo contínuo e de desenvolvimento profissional, num diálogo reflexivo constante entre os conhecimentos, saberes e práticas de ensino para o campo.

Esta temática levantou alguns estudos e provocou algumas discussões que se arrastaram ao longo do tempo e que, contemporaneamente, trouxe alguns resultados voltados à prática pedagógica na zona rural. Foram criadas faculdades e especializações nesta área que também

englobam a prática de Educação Indígena e Ribeirinha. Temos como destaque a Faculdade de Étnodesenvolvimento oferecido pela Universidade Federal do Pará (UFPA), que oferta cursos nessas áreas de abrangência para professores.

Conhecer esta outra realidade é uma necessidade que não apenas os pedagogos, mas outros profissionais da área carecem de conhecer, pois saber trabalhar com esse público expande novos horizontes e abre um leque de possibilidades. Exercer o trabalho neste meio proporcionará diversas experiências profissionais e pessoais.

Segundo Souza (2008), a emergência da Educação do Campo caracteriza-se pela ausência e experiência. É a ausência de escola, de professor com formação consistente para o trabalho nas escolas localizadas nos assentamentos, ausência de técnico-agrícola e ausência de professores. Da ausência, na ação do movimento social, emerge a experiência do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), da Pedagogia da Terra, da Educação de Jovens e Adultos, da Ciranda Infantil etc. Ausência e experiência desencadeiam uma prática afirmativa da Educação do Campo, reafirmada nos encontros estaduais, nacionais e conferências sobre Educação do Campo.

É notório que ao discutir propostas educacionais ajustadas para os novos tempos, frequentemente coloca-se a dúvida sobre qual seria um currículo adequado para o meio rural e de que forma a Educação no Campo está sendo aplicada. Pensando nisso, e baseando-se neste estudo, pode-se dizer que o ensino nestas comunidades tende a ser fundamentado em uma perspectiva mais ampla, abrangendo outros fatores como o meio rural.

A Educação no Campo tende a ser uma educação baseada na realidade em que se vive na comunidade e seu currículo condizente com a perspectiva de vida dessas pessoas. Assim, os termos motivacionais para a escolha desse tema são de colegas que estudaram em escola de zona rural, despertando o interesse de maneira como a educação era aplicada no meio rural e suas contribuições para a cultura do campo.

Na perspectiva pedagógica que se faz a partir da comunidade, as escolas do campo devem ser espaços de reconstrução da memória coletiva e da histórica da comunidade, por isso a importância dos atores sociais, não somente educadores com educandos, mas com todos os que vivem a realidade da comunidade. Para isso, é preciso que sejam assumidas posturas pedagógicas que venham a enriquecer a possibilidade do diálogo e, posteriormente, a implantação de muitas educações, diferenciadas e alternativas, para as várias realidades existentes no Brasil (Rosa; Caetano, 2016).

Desse modo, a Educação no Campo assim como a Educação Urbana deve ser pautada

no ambiente em que vive o educando, pois isso desperta o interesse de aprendizagem e constrói memórias educacionais que possam agregar e transformar o aluno, de modo que é fundamental para que essa criança possa se tornar um adulto digno.

Ao conhecer a realidade de seu aluno, o professor que trabalha em escola do campo terá maior entendimento de como abordar tais assuntos e inserir suas metodologias pautadas não apenas no currículo, mas em todo o contexto cultural de seu aluno, pois a escola é o local onde a criança socializa trocando saberes culturais.

Essa pesquisa foi realizada para analisar e entender os fatores que envolvem todo o cenário educativo, contexto histórico, meios utilizados pelo professor ao lecionar em uma escola do campo, suas ferramentas metodológicas e meios de utilização do espaço escolar rural.

Para a colaboração da pesquisa, será contado com a participação de pais de alunos da comunidade onde a escola está inserida e professores dispostos a complementar os resultados na intenção de colaborar positivamente para a conclusão e objetivo final da pesquisa, que será contribuir e construir uma abordagem dentro da perspectiva histórico-cultural da comunidade em questão, levando em consideração tempo de inauguração, profissionais que passaram pela escola, alunos que estudaram e fizeram parte da comunidade escolar, dentre outras informações que serão decorridas na pesquisa.

Objetivo geral e específicos

Tivemos como objetivo geral registrar a história da Escola de Ensino Fundamental São Pedro, do Município de Altamira, retornando ao envolvimento da comunidade na construção da instituição de ensino.

E como objetivos específicos delimitamos: realizar levantamento de documentos municipais e escolares referente a criação da Escola São Pedro; entrevistar ex-professores e ex-alunos da época da inauguração da Escola São Pedro; relatar experiências e memórias da Escola São Pedro; apresentar dados e relatos de movimentos da comunidade para evolução da Escola São Pedro; relatar a precariedade do ensino rural, bem como a evolução da educação na comunidade em questão.

1 METODOLOGIA

Esta pesquisa terá como abordagem o método teórico-empírico, na qual serão aplicados

questionários com alunos egressos, pais, professores e ex-funcionários da Escola São Pedro. O questionário irá conter perguntas que cabe aos colaboradores darem suas opiniões, relatos e expressarem suas emoções sobre o contexto histórico da comunidade escolar. Com isso, buscamos compreender o grau de importância que esses relatos possuem sobre essa população.

Além disso, buscamos documentar um pouco da história educacional desse meio rural, a fim de que haja a compreensão sobre conteúdo didático-pedagógico no processo de construção da Educação do Campo seja mantida, enfatizando a maneira que está sendo aplicada a educação e suas satisfações ou insatisfações em relação ao ensino e aprendizagem dos alunos.

Serão selecionados professores do Ensino Fundamental, aplicando-se entrevista, na qual serão abordados relatos sobre sua formação acadêmica, se existe auxílio para que seja aplicada a educação conforme a realidade inserida naquela região, relatando a maneira que buscam a prática pedagógica diferenciada, de modo a articular os conteúdos escolares com assuntos ou experiências do cotidiano dos alunos.

A pesquisa será aplicada na comunidade rural Monte Santo, enfatizando a única escola existente na região, as entrevistas e aplicações dos questionários também serão feitas na comunidade em questão. Para a análise dos dados, foram levados em consideração as opiniões dos entrevistados que participaram da pesquisa.

Harvey (2001) elucida que todas as formas e conteúdos do conhecimento, dependem do momento histórico em que as comunidades, ou sociedade, está inserida, pois todas as sociedades, classes e grupos sociais dispõem de um saber geográfico característico do lugar e um conhecimento funcional de seu território. Estas comunidades assumem a valorização da distribuição espacial dos valores, culturais, políticos e econômicos de uso deste território, assim como, a relevância destes valores para a totalidade do grupo. A partir da produção do saber, adquirido individual e coletivamente, é que estes grupos e indivíduos vão enfrentar o mundo e dominar a natureza.

Os dados da pesquisa serão analisados de forma que exponha os relatos e as experiências dos colaboradores da pesquisa, de forma que não sejam mencionados dados pessoais. Será abordado de forma que o leitor compreenda e sinta as emoções contidas no decorrer do trabalho e entenda o contexto histórico da comunidade em questão, bem como a fundação da escola, profissionais que ali passaram, desafios que moradores enfrentaram, lutas vencidas pela população e conquistas até o dia de hoje, haja vista que a Escola São Pedro é a única existente naquela comunidade rural.

2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO E DOCUMENTAL SOBRE A EDUCAÇÃO ALTAMIRENSE E A CRIAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO SÃO PEDRO

Nesta seção serão debatidos os conceitos sobre a cidade de Altamira, na qual protagoniza a história da escola São Pedro, a Educação do Campo, bem como relatos e histórias contadas por protagonistas da localidade Monte Santo. Isso é importante para entendermos a construção das ideias e opiniões propostas pelos colaboradores entrevistados, sendo professores, alunos e funcionários da Escola São Pedro, de modo que seja compreendida a forma como a educação está sendo implementada.

Fundada em dois de abril de 1883, a cidade de Altamira possui inúmeros contextos históricos de escolas do campo, tendo como patriarca fundador Raymundo José de Souza Gayoso, conhecido como coronel Gayoso. Com a chegada de Gayoso, que era senhor de escravos e produtor rural, a chamada Volta Grande do Xingu, em pouco mais de 10 anos, recebeu alguns barracos de palha e mais de vinte casas construídas, hoje chamada de Altamira. Com mais de cem anos de emancipação, a cidade conta com uma população de 126.279 habitantes (IBGE, 2010).

A movimentação por uma Educação do Campo no estado do Pará foi, como no resto do Brasil, marcada por lutas constantes, união de movimentos sociais, bem como comunidades rurais. Muito se estuda a Educação do Campo, muito se fala e o ponto marcante dessa discussão está ligada ao imenso descaso e falta de estrutura capaz de atender essas escolas de forma positiva.

Alguns pesquisadores que relatam essa realidade revelam uma luta constante por direitos que, na maioria dos casos, são negados por governantes. Como ressaltado por Ferreira e Brandão (2011):

[...] o modelo de educação praticado no Brasil pelos diferentes governos entre o início do Império (1822), até meados do século XX, era uma educação para a elite econômica e intelectual, em prejuízo direto e indiscriminado dos pobres, negros e índios. Inclusive a primeira Lei, ainda no período imperial, quando se reporta à educação, não se ateu às especificidades diretas da zona rural onde a população brasileira vivia (Ferreira; Brandão, 2011, p.04).

Como destacam os autores Ferreira e Brandão (2011), a Educação do Campo, desde os tempos do Império, era destinada somente à população de elite. A população trabalhadora lutava por direitos, visto que era impedida de usufruir os mesmos direitos da classe dominante, que obtinham o poder para que a classe trabalhadora vivesse alienada e comandada por essa

população. Assim sendo, teriam que trabalhar dispendendo de mão de obra barata para aqueles que tinham a posse sobre as terras, sobre a educação e o dinheiro em suas mãos.

Com a união da sociedade rural juntamente com sindicatos rurais, movimentos sociais como o MST; a união de toda essa massa em busca de melhorias na qualidade de vida dos que vivem no campo gerou mudanças, isso fez com que políticas públicas nunca vistas antes fossem investidas nessas localidades, já que o estado possui um grande território habitado por comunidades rurais, nada mais justo do que garantir um direito que lhes foi investido.

Tais direitos foram possíveis após a Constituição Federal de 1988, que diz em seu Artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, p. 43).

Com tantos avanços na educação, as secretarias tiveram que implantar programas. Na Secretaria Municipal de Educação de Altamira (SEMED-ATM) existe uma coordenação especializada só para identificar demandas e articular novas ações com o objetivo de desenvolver uma educação de qualidade, promovendo políticas públicas que possam de fato garantir a permanência dessa gente na escola, com a construção de um currículo que seja condizente com a realidade de quem vive no lugar. A união do Estado e município foi fundamental para desenvolver programas que levem essa formação às comunidades, sendo um avanço na educação como um todo.

De acordo com os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o estado do Pará possui uma área de extensão territorial de 1.247.950,003 km² e dentro deste território está localizado Altamira, com mais de cem mil habitantes. A cidade busca promover encontros de professores, através da SEMED-ATM, para formação continuada, buscando implantar meios de articular ações que possam garantir e atender os discentes do campo. Ao planejar ações a secretaria busca integrar a comunidade a escola, um meio de desenvolver e implantar uma educação equiparada.

O Estado do Pará acolhe milhares de discentes no campo. Com isso, há uma preocupação em desenvolver meios que façam com que esses alunos permaneçam na escola. Um exemplo disso, foram as escolas agrícolas que implantavam meios de inserir através da educação meios de ensino de cultivo de plantas e hortaliças. Atualmente, existem escolas técnicas na zona rural com o intuito de formar técnicos na área da agricultura.

A Educação no Campo conta hoje com uma estrutura fascinante. Dias de lutas e desafios marcam a educação nas escolas da zona rural, na qual profissionais destacam um vasto e importante trabalho para juntos promoverem à essas escolas um novo patamar de educação, um novo conceito de tentar evitar o número de evasões escolares. Apesar da difícil tarefa, os profissionais da secretaria relatam um grande esforço em conseguir conciliar essa educação, transformá-la em uma educação diferenciada e adaptada para cada comunidade.

Nos relatos dos professores é possível perceber que a difícil locomoção para essas escolas torna esse processo um pouco desafiador, sem contar com a estrutura dos prédios, pois muitos deles ainda são feitos de taipa, madeira, alvenaria, sem iluminação e circulação de ar adequadas, faltando carteiras e outros materiais.

Os currículos estão em constante mudanças e adaptações para tornar as aulas interessantes e que atraiam os estudantes, para que não fujam da realidade de vidas dessas famílias, sem inculcar a cultura da cidade aos mesmos. Pelo contrário, estes devem ser adaptados à realidade local, valorizando aquilo que faz parte da vida dos alunos e de suas famílias.

Conforme as informações disponibilizadas pela SEMED-ATM, a Educação do Campo em Altamira está dividida em sete polos, sendo eles Resex, Distritos de Castelo de Sonhos e Vila Canopus, o que torna o trabalho dos profissionais da educação bem mais desafiador, pois se trata de realidades, culturas e valores diferentes, sendo necessário se adaptar a cada realidade sem excluir ou infringir a vivência e cultura de cada comunidade.

Atendendo hoje 65 escolas, a Educação do Campo em Altamira já teve seus dias de lutas mais desafiadoras, falta de estradas, falta de transportes, haja vista a dificuldade enfrentada por esses profissionais para manter a estrutura dessas escolas de maneira que atenda as comunidades de forma igualitária. Sabemos que na maioria dos casos é bem maior o desafio, devido a distância que essas comunidades se encontram, em alguns relatos desses profissionais foi possível conhecer um pouco dessa realidade.

Através de entrevistas realizadas na intenção de enriquecer o trabalho, uma profissional, que preferiu não ser identificada, relatou algumas questões enfrentadas por ela a caminho de uma comunidade no Cajueiro, a cerca de mais de 100km da cidade de Altamira. Ela relata:

Certa vez precisávamos fazer uma visita, juntamente com o Conselho Tutelar de Altamira, em uma situação na qual as crianças de uma determinada família não estavam frequentando a escola. Nesse caso, chamamos o Conselho para nos acompanhar e tentar levar de volta essas crianças para a escola. Combinamos de sair da cidade na primeira balsa, lá pras 6h da manhã. A aventura iniciou logo após a travessia, na qual descobrimos que uma das pontes que dava acesso a comunidade havia sido obstruída por conta de um protesto. Então decidimos ir por água em um veículo chamado voadeira, não achamos muito seguro, mas era o que tínhamos para

chegar até a referida comunidade. No meio do rio enfrentamos uma tempestade que atrapalhou a travessia, o medo já tomava de conta de nós, mas tínhamos que fazer essa visita. Após muitas horas de viagem, chegamos à margem da Comunidade Cajueiro. Lá, um morador iria nos receber para nos levar até a escola e de lá o transporte escolar nos levaria até a casa da família em questão. Enfrentamos lama, poeira, de tudo um pouco. O carro do morador atolou na lama, tivemos que seguir a pé até a escola. No meio do caminho encontramos animais bravos, vaca, cachorros e até uma cobra atrapalhando a nossa passagem. Depois de quase um dia inteiro, entrando na noite, conseguimos chegar à escola. Tivemos que dormir na escola para no outro dia ir até a casa da família. Diante deste relato eu gostaria de contar um pouco para que saibam a dificuldade que enfrentamos para visitar e manter essas comunidades ativas na escola. O desafio é muito grande, mas nós profissionais tentamos todos os dias trazer novos recursos capazes de atender a essas famílias (Entrevistada A).

A SEMED-ATM disponibilizou também dados referente a quantidade de alunos que a Educação do Campo atende, precisamente 5.882 alunos matriculados e frequentando a escola diariamente, com um pouco mais de 919 funcionários lotados. Sabemos que ainda são poucos profissionais destinados a essas áreas, devido a grande dificuldade que enfrentam para chegarem e permanecerem trabalhando.

3 A EDIFICAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO SÃO PEDRO E OS DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO

Fundada na administração do Prefeito Edmilson Moreira Veras, no ano de 1982, buscou-se compreender a realidade educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Pedro, que é a grande pioneira daquela região. Ela fica localizada no interior da cidade de Altamira na estrada do Monte Santo, a 12 km da cidade, dentro de uma comunidade pouco falada e pouco visitada.

Antes da fundação da Escola São Pedro, as aulas funcionavam em um galpão doado pela comunidade. Os alunos andavam quilômetros de distância para chegar à escola que atendia toda a região. As aulas eram ministradas por integrantes da comunidade que, em sua maioria, não possuíam nem o Ensino Fundamental completo, viviam em uma ajuda constante na qual quem tinha um conhecimento maior passava adiante através dos encontros de aulas. Só depois construíram a escola.

Para relatar um pouco desse processo de desafios e lutas, contamos com o depoimento da professora e diretora, hoje aposentada, Maria Helena Delfina Linhares:

Na época, eu tinha apenas 16 anos, era uma menina ainda, mas como sempre gostei de educar, ensinar, me propus a tomar a iniciativa de começar uma estrutura em minha casa para acolher as crianças de toda essa região aqui. Lembro que os pais

me pediam muito para começar o projeto, na época não havia nenhuma escola próxima, somente na cidade. Então, decidi iniciar com algumas cartilhas que eu tinha em casa, comecei com cinco crianças em apenas um turno. Com o passar dos dias chamei mais algumas integrantes da comunidade que eram minhas vizinhas e amigas, para juntas darmos continuidade ao projeto de educar essas crianças. Os pais nos agradeciam todos os dias. Meses depois, estávamos com mais de trinta crianças no turno da manhã e com mais de quarentena no turno da tarde. Eu e mais três colegas professoras demos continuidade ao projeto em minha casa. Nesse meio termo, minha casa já não cabia mais tanta criança, decidi então levar a proposta para as autoridades para então pedirmos a construção da escola. Foram dias de lutas, hoje faz muito tempo, me lembro vagamente das conversas e acordos que fizemos, mas enfim conseguimos. Lutei, lutei até conseguir a construção da escola que hoje não vou lembrar o motivo de ter levado esse nome. Segui dando aulas nos períodos da manhã e tarde. No início os pais faziam vaquinha para bancar os custos da escola, quando ainda era em minha casa. Eu era a professora, a merendeira, a servente, tudo para aquelas crianças. Por alguns anos a comunidade doou um galpão para que as aulas funcionassem, até a construção da escola. Após a construção da Escola São Pedro comecei a trabalhar contratada pela prefeitura, logo após meus estudos concluídos, fiz o chamado magistério na época, fui caminhando a passos lentos para transformar nossa escola em um ambiente de amor, de esperança e de acolhimento. Recebia minhas crianças com muito carinho. Acho que fui uma espécie de mãe nesta comunidade. Hoje muitos pais e até alunos mesmo me agradecem pelo tanto que lutei e me esforcei para levantar essa escola. Com o passar do tempo, consegui fazer minha graduação. Segui por muitos anos na diretoria da escola, até me aposentar, mas hoje ainda sinto a gratidão que todos aqui têm por mim (Diretora).

A Profa. Helena Linhares, sendo uma das fundadoras, cuidou e comandou a diretoria da Escola São Pedro por 35 anos. Nesse período, a escola não contava com muitos profissionais. A professora relata que ela cuidava tanto da educação, quanto da alimentação das crianças, limpeza da escola dentre outras necessidades que exigiam sua atenção.

Imagem 1 – Profa. Helena Linhares com alunos



Fonte: Arquivo doado pela professora Helena Linhares.

A atividade econômica da comunidade é a Agricultura Familiar, com plantios de mandioca, milho, feijão, macaxeira, dentre outras atividades que possibilitam a integração da agricultura no âmbito escolar (Imagem 2).

Imagem 2 – Registro do processo de extração da goma de tapioca



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A Escola São Pedro debandou inúmeras histórias, bem distante das demais localidades. A escola contava com a colaboração de somente um profissional graduado. No início, se consolidava somente o Ensino Fundamental Anos Iniciais, que era o único ponto de apoio existente naquela localidade.

A imagem a seguir representa uma nova era da escola São Pedro (Imagem 3). O período em que a comunidade conseguiu a conquista de novos professores para o quadro da escola, foi quando a escola contou com mais turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental para atender as demandas da comunidade.

Imagem 3 – Professor da Escola São Pedro em aula



Fonte: Arquivos da Escola São Pedro.

A dificuldade de locomoção não era o maior desafio abstraído pelos integrantes da comunidade. Devido à grande falta de acesso à tecnologia, informação e até mesmo profissionais capacitados dentro da localidade, fazia-se necessário a migração de profissionais de outras regiões, adaptando em sua maioria das vezes o Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME).

O Ensino Modular é direcionado à expansão das oportunidades educacionais em nível de Ensinos Fundamental e Médio para a população escolar do interior do Estado em que não haja o Ensino Regular de modo complementar ao ensino municipal. O SOME, na conjuntura do processo educacional se concretizava a modalidade mais utilizada para o processo de ensino aprendizagem da referida região (Belém, 2014).

Durante a trajetória, também foi implantado o Sistema de Ensino Educação para Jovens e Adultos (EJA), na qual beneficiou cerca de 60% da população existente naquela comunidade, com certificado de conclusão do Ensino Fundamental entregue para 155 alunos formados. Infelizmente não foi possível dar continuidade ao projeto devido à falta de profissionais disponíveis para a conjuntura necessária (Belém, 2014).

O cenário desafiador também se estendia com a falta de materiais didáticos, que eram restritos a lápis, borracha e caderno. Os materiais, quando chegavam, não eram suficientes para atender a quantidade de alunos. Assim sendo, quem tinha condições de adquirir o material se sentia na obrigação de dividir com os que necessitavam do auxílio. Com o passar dos anos a escola foi se adaptando a novos saberes e novas didáticas de ensino, o que coube à comunidade buscar essa mudança através de protestos e reivindicações de direitos.

Posto que se configura como um resultado ou fechamento de um processo que antecede a saída ou abandono da escola, a referida escola não contava com um prédio seguro para acolher as crianças que se locomoviam para ali estudar. Com isso, começou a criar história dentro de somente uma sala de aula, foram inúmeras mudanças, agentes comunitários cediam espaços para que as aulas pudessem acontecer e nessa prática foram se reconstruindo em cada local que a escola era adaptada para as aulas.

Imagem 4 – Registro de espaço adaptado para as aulas



Fonte: Arquivos da Escola São Pedro.

Durante o vasto período de trinta anos, a escola permaneceu em um prédio fixo, com três salas de aula e uma pequena secretaria que também foi aprimorada e adaptada para receber os alunos. Nessas circunstâncias, as dificuldades prevaleciam com a aquisição do sistema modular de ensino, foram necessárias adaptações para que comportasse a quantidade de alunos que migraram para a única escola existente na região.

Por volta dos anos 2000, a escola comportava cerca de 300 alunos por dia, nos turnos da manhã, tarde e noite, com a disponibilidade de somente cinco professores para as turmas. Eram ministradas aulas para alunos de 1º ao 9º ano e as turmas de Jardim, que ficavam separadas dos demais. Com apenas sete funcionários ao todo, a escola contava com a ajuda dos próprios alunos para manter-se organizada e adaptada para as aulas acontecerem de forma produtiva.

Imagem 5 – Fachada do primeiro prédio da E.M.E.F. São Pedro



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Apesar do cenário desafiador, existem muitos pontos considerados positivos neste levantamento. A merenda escolar nem sempre chegava nas datas prometidas, sendo necessárias algumas ações, no intuito de antecipar os impactos do processo contínuo das atividades escolares, para amortecer de forma que haja prevenção, cuidado e acolhimento ao estudante. Nesse caso, os próprios alunos se dispunham a realizar coletas de legumes, verduras e até mesmo outros tipos de alimentos para compor a merenda escolar.

Mesmo com todas as dificuldades existentes, a coordenadoria da escola buscava construir parcerias com entidades que trabalham com agricultura, como SEBRAE¹. Porém, observava que existia uma resistência em construir tais parcerias, havendo dificuldades em as instituições assumirem compromisso com esses processos formativos.

¹ O SEBRAE foi criado em 1972 e, desde que iniciou suas atividades, trabalha para estimular o empreendedorismo. Realiza feiras e rodadas de negócios, desenvolve conteúdos, ferramentas, entre as quais consultoria, cursos e capacitação, prioritariamente para micro e pequenos empreendedores.

Dentro da realidade ali existente, os alunos da Escola criaram um grande e produtivo projeto para beneficiar a escola e as comunidades carentes que residiam na região, as quais eram atendidas pelo projeto “Roça na Escola”. Tratando - se de uma realidade histórica que penaliza de forma direta as famílias dos pequenos produtores rurais, o referido projeto foi de grande valia naquela comunidade. Além de manter os alunos concentrados nas atividades e beneficiar a escola com alimentos saudáveis, foram realizadas palestras de incentivo ao agronegócio e a produção regional da agricultura familiar.

Com o apoio do SEBRAE muitos jovens conseguiram migrar da escola convencional para as chamadas Escolas Familiares Rurais, nas quais os alunos estudavam em tempo integral e conseguiam se especializar em cursos técnicos voltados para a agricultura, piscicultura, agropecuária, dentre outras atividades capazes de auxiliar na produção.

Em pouco menos de dois anos a comunidade Monte Santo se beneficiou, após muita luta, com a construção de um novo e definitivo prédio para as crianças da localidade (Imagem 6). O prédio hoje em dia conta com 10 vastas salas de aula, secretaria ampla, funcionários suficientes para atender a demanda da escola, com a facilidade e a nova acessibilidade a escola passou a atender alunos do fundamental menor e maior fazendo assim necessário a migração das outras séries para escolas na zona urbana da cidade.

Imagem 6 – Fachada do prédio atual da Escola São Pedro



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

4 HISTÓRIA E MEMÓRIA EDUCACIONAL

Falar e compreender a história da educação em determinada comunidade nos faz irradiar memórias afetivas e compartilhar de origens e culturas sobre diversas regiões. A comunidade em questão fez parte de uma história a qual estou tendo o prazer de compartilhar e aprofundar, assim sendo, abordar essas vivências sem antes exemplificar o contexto histórico, não faz sentido, por mais que o tempo elimine documentos e objetos materiais, a memória afetiva irá perdurar por longos anos através das pessoas que fizeram parte desse marco.

Para compreender o presente é necessário um estudo aprofundado do passado, visitar raízes, contextos históricos, culturas que ficaram no meio do caminho e até mesmo relatos de pessoas que se beneficiaram dessa educação. Assim sendo, fazer essa análise documental nessa perspectiva vai alavancar essa pesquisa e trazer memórias que jamais serão perdidas por quem as vivenciou. A subjetividade de relatos individuais desde o surgimento da escola em questão, levando em consideração que escola é um lugar de memórias e memória é aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas.

Contudo, fazer e escrever história não é uma tarefa fácil, mas se torna prazerosa quando se trata da história da sua vida. Assim, ao discorrer sobre minha história, me sinto na obrigação de detalhar passos importantes, mostrando minha experiência subjetiva através de relatos próprios e documentos fotográficos de como foi minha infância na escola em questão.

Nascida e criada na comunidade Monte Santo, na qual minha família tem propriedades com a atuação na agricultura familiar, minha infância foi totalmente voltada para o meio rural. Da escola até a universidade não me desprendi das minhas origens e tenho maior prazer em trazer memórias e com isso trazer mais relatos e dados sobre a educação naquela comunidade.

Sou a filha mais velha e tenho duas irmãs, sendo um total de três filhas. Segundo meus pais, senhor Francisco de Jesus Ferreira da Silva e senhora Clesimar Rita da Costa da Silva, minha infância foi surpreendente, no que se refere a educação, com cinco anos de idade fui inserida na Escola São Pedro, como aluna “encostada”. Com seis anos aprendi a ler e a escrever e daí em diante não parei mais de estudar. Mesmo com uma vida dificultosa, como é a vida no campo, meus pais jamais permitiram que as dificuldades atrapalhasse minha rotina de estudos.

Na época em que ingressei na Escola São Pedro, em meados do ano de 2001, ela estava no seu segundo endereço, naquela localidade em terrenos doados pela população local. As dificuldades perdurava ano após ano, transportes inadequados para as crianças. Na época, a comunidade contava com carroças de moradores para levar as crianças até a escola.

Imagem 7 – Crianças em fila para subir na carroça no ano de 1996



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A imagem acima representa um pouco da realidade vivenciada pela comunidade na época, na qual os moradores se reuniam em revezamento para transportar as crianças para a escola.

Imagem 8 – Crianças sendo transportadas para a escola no ano de 1996



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na imagem acima podemos ver a realidade descrita anteriormente. No que se refere ao transporte das crianças, os moradores revezavam para que elas não sofressem com a falta de acessibilidade para chegar na escola. Algumas crianças andavam cerca de 10km sem estradas estruturadas, apenas com caminhos estreitos, muitas vezes atravessando pastos de fazenda para que chegassem ao destino final. Nesse período, os moradores levavam as crianças em carroças, alguns pais que tinham bicicleta conseguiam levar suas crianças e buscar todos os dias, outras contavam com a ajuda do transporte com veículos de tração animal. As carrocinhas na época eram uma diversão para as crianças.

Por volta dos anos 2000, a comunidade recebeu da prefeitura transportes motorizados, com apenas uma van com capacidade para doze alunos, sendo transportados os mais novos. O restante dos alunos eram transportados em “pau de arara”, o que dificultava um pouco mais devido às fortes chuvas, impossibilitando a passagem nas estradas. Essas dificuldades eram recorrentes, perdíamos dias de aula devido o acesso a escola ser difícil.

Imagem 9 – Registro da van recebida pela prefeitura.



Fonte: Arquivos da Escola São Pedro.

A imagem acima representa uma conquista para a comunidade, a aquisição do transporte motorizado, na qual a prefeitura custeava o motorista e o aluguel da van para o transporte das

crianças. Com o passar dos anos, devido não ofertar mais aula para algumas séries, tivemos que ir às escolas da cidade, na qual estudei todo Ensino Fundamental e Médio, até a universidade.

Na época, nem todas as famílias gozavam de recursos ou transportes para se locomoverem até a cidade. Algumas delas optaram se mudar para a cidade em busca de uma vida melhor e escola para seus filhos. Sendo esse último, o principal motivo da mudança, já que a Escola São Pedro, nesse período, não ofertou mais aulas para o Ensino Fundamental Anos Finais. Na época, a comunidade se mobilizou, isso por volta do ano de 2005, mas devido a escassez de professores não obteve êxito.

Dona Clesimar Rita, minha mãe, que também foi aluna da Escola São Pedro, me concedeu uma entrevista relatando um pouco de como foi esse processo de luta para trazer de volta o Ensino Fundamental Anos Finais. Ela relatou o seguinte:

Lembro que fui várias vezes à SEMEC, que era o nome que se dava à secretaria de educação na época. Pedi tanto pela reforma da escola quanto pela volta das aulas das crianças de Fundamental Maior, mas era só eu e mais umas três mães ou pais que iam em busca de melhorias. A comunidade deu uma esfriada, mas com o passar de alguns anos, fomos vendo a dificuldade que as crianças enfrentavam andando de pau de arara para poder chegar nas escolas da cidade, muitas vezes o caminhão não chegava na escola, chuvas atrapalhavam o percurso, minhas filhas moravam à cerca de doze quilômetros da cidade, eram as crianças que moravam mais perto e mesmo assim tinham que acordar por volta das quatro e trinta da manhã para chegar a tempo na escola, foram uns 10 anos muito difíceis em nossas vidas, a chegada do caminhão era por volta das quatorze horas, em muitas situações as crianças chegavam em casa somente com o café da manhã (Dona Clesimar Rita).

Como dito anteriormente, após muitas lutas e batalhas da comunidade, hoje a Escola São Pedro atende Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais e EJA. Ela também conta com treze professores fixos, todos qualificados e prontos para atender a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, busquei trazer um pouco do meu conhecimento em relação à realidade e aos desafios da educação presente naquela região, considerando suas características. Um dos principais objetivos foi a de inquirir as metodologias pedagógicas utilizadas pelos professores que lecionam no campo, observando as práticas que são desenvolvidas para garantir uma educação de qualidade.

Através deste estudo pudemos conhecer os avanços e metodologias que a Educação do Campo trouxe para a área educacional, metodologias essas que podem ser utilizadas também

nas escolas urbanas como meio de integração entre essas duas esferas e de inovação.

Baseado nos autores e nas fontes utilizadas, pode-se afirmar que a Educação do Campo é uma preocupação que foi despertada por quem vivia nestas localidades, pois os avanços e reconhecimentos só foram possíveis com a luta e união de pessoas, sindicatos, dentre outros sujeitos que tinham um objetivo comum, ou seja, a garantia da educação para os filhos daqueles que residiam no campo.

Salientamos também que a contribuição dos professores, alunos e pais daquela comunidade foram de total importância para obter as informações necessárias para o desenvolvimento deste trabalho, já que a união deles é que faz com que a escola possa articular ações e programar meios de introduzir atividades educativas voltadas para o campo. A exemplo, temos o “Dia da escola na roça”, no qual as crianças vão para a área ao lado da escola plantar e acompanhar o desenvolvimento do cultivo de alimentos como feijão, arroz, hortaliças, etc. Quando ocorre a colheita é disponibilizada uma parte para alimentação dos alunos na escola.

Os projetos da escola são sempre pautados levando em consideração a realidade dos discentes, buscando contribuir não apenas para o desenvolvimento educacional, mas profissional.

A Educação do Campo ainda está longe de ser um modelo perfeito a seguir, pois os investimentos direcionados não suprem as necessidades dos problemas encontrados, como o transporte escolar, visto que nessas comunidades a localização das residências dos alunos é afastada da escola, necessitando de transporte seguro para o traslado dos alunos. Além disso, há escolas feitas de palhas com infra-estrutura sucateada e em pleno abandono.

Na Escola São Pedro, que foi alvo dessa pesquisa, percebe-se a preocupação do corpo docente que não é apenas ensinar o básico, mas introduzir meios de auto sustento para aqueles que necessitam. Pode-se notar que a escola é palco de ações pedagógicas significativas, na qual as metodologias são pensadas e planejadas de forma a contribuir com o desenvolvimento educacional e cultural dos discentes que ali frequentam.

É possível afirmar que está ocorrendo uma transformação gradativa no meio educacional do campo. Está sendo direcionado ao campo não mais a educação apenas rural, mas os espaços escolares são utilizados como meios de socialização cultural. Há uma preocupação dos diretores e do corpo docente dessas escolas de inserirem projetos que valorizem as características desses discentes.

REFERÊNCIAS

BELÉM. Secretaria Especial de Estado de Gestão. **Lei sobre o Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) no Estado do Pará**. Belém: Instituto Unibanco, 2014.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. Educação do Campo: um olhar histórico, uma realidade concreta. **Revista Eletrônica de Educação**, v.1, n. 09, jul/dez, 2011. Disponível em: <https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/educacao_do_campo_um_olhar_histrico_o_uma_realidade_concreta.pdf>. Acesso em: 23. Ago. 2023.

HARVEY, David. Geografia. *In*: BOTTOMORE, Tom; HARRIS, Laurence; MILIBAND, Ralph. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ROSA, Daniela Souza da; CAETANO, Maria Raquel. Da educação rural à educação do campo: uma trajetória... seus desafios e suas perspectivas. **Revista Científica da Faccat**, v. 6, n. 2, jan/dez, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8586819-Da-educacao-rural-a-educacao-do-campo-uma-trajetoria-seus-desafios-e-suas-perspectivas.html>>. Acesso em: 17 de set. 2023.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do Campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 105, set/dez, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/6S89N7H4cTJRZTbnvykF5rt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23. Ago. 2023.